

## ■ NACIONAL

Economia. Brasil

# Economistas alertam para baixo crescimento

Políticas fiscal e monetária esgotam capacidade de evolução do Produto Interno Bruto brasileiro para este ano

por Sandra Gomide  
do Rio

O governo terá de alterar as políticas fiscal e monetária se quiser evitar que as baixas taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro previstas para este ano, que variam entre 2 e 2,5%, se repitam em 1997. Alguns dos principais economistas do País, como o ex-presidente do Banco Central (BC), Affonso Celso Pastore, e o ex-ministro do Planejamento, João Paulo dos Reis Velloso, acreditam que a manutenção do câmbio sobrevalorizado e da elevada taxa de juro para sustentar o equilíbrio da balança de pagamentos está chegando ao limite, já que as consequências dessas medidas come-

çam a custar mais caro do que a economia poderia sustentar no curto prazo.

Os economistas que estiveram reunidos durante três dias no 8º Fórum Nacional, no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), entendem que o aumento do desemprego na indústria e a redução dos investimentos nas empre-



João Paulo dos Reis Velloso

sas privadas ao longo deste ano são sinais claros desse esgotamento. Mesmo as tentativas isoladas do governo ao lançar os re-

centes programas de criação de empregos ou tentar alterar a política de atuação do BNDES junto às empresas privadas ou setores em dificuldades não devem compensar esse desequilíbrio.

O ex-ministro Reis Velloso alertou para as consequências da manutenção de uma política monetária contracionista por mais tempo do que o suportável. "Podemos utilizar a taxa de juro e o câmbio para resolver o problema durante algum tempo. O Brasil já fez seu

esforço e conseguiu reduzir de 5 para 3% o déficit operacional em relação ao PIB", diz Velloso.

Apesar do quadro pouco otimista, alguns economistas enxergam nas estatísticas um certo espaço para driblar as dificuldades macroeconômicas e promover a retomada, mesmo que sutil, do crescimento. O professor Francisco

Eduardo Pires de Souza, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), baseia-se em uma releitura da taxa de investimen- tos e poupança interna dos últimos anos para afirmar que as necessidades de investimento para crescer são menores do que se imagina. Isso pode ser explicado porque o barateamento dos preços dos bens de capital importados, e mesmo os de produção doméstica, no período, acabou influenciando o resultado das estatísticas sobre os investimentos utilizados pelo governo e pelo empresariado.

Os estudos apresentados por Pires de Souza mostram que es-



Affonso Celso Pastore

sas diferenças se tornam evidentes quando, em valores correntes, os investimentos feitos no Brasil nos últimos três anos comparam-se aos primeiros anos da década de 70, época do milagre econômico. Medidos em valores constantes, porém, os mesmos investimentos foram tão baixos quanto em 1983 ou 1990, período de recessão.

As distorções estatísticas nesse caso são explicadas pela queda dos preços dos bens de capital, o que, segundo o economista, reflete a valorização cambial, a redução das taxas de importação e, ainda, a redução dos preços em dólar. Isso seria, na prática, um grande incentivo para novos investimentos.